

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Ricardo Stuckert/PR



Políticas sociais têm menos impacto

Mundo mudou, e PT não viu, diz cientista político

Em 2002, quando Luiz Inácio Lula da Silva venceu a primeira eleição para presidente, o cientista político gaúcho Benedito Tadeu Cesar lançou seu livro, "PT: a Contemporaneidade Possível". O livro mostra como, naquele momento, o PT reciclava suas ideias originais para se adaptar à realidade e se apresentar, de fato, como alternativa de poder. Com acenos que abrandaram

boa parte de suas concepções originais, como a "Carta ao Povo Brasileiro", sinalização de que teria posições mais moderadas na economia. O resultado do PT e da esquerda nas eleições municipais deste ano mostram que pode ser necessário um novo "freio de arrumação", como diz Benedito Tadeu, para, mais uma vez, readequar-se à nova realidade.

Consequências

"Ou as consequências daqui a dois anos poderão ser trágicas", alerta o cientista político. Para ele, a esquerda poderá ficar à revelia do desenvolvimento do debate político, incapazes de acompanhar a evolução dos blocos conservadores de centro-direita, que darão as cartas.

Comunicação

Para Benedito Tadeu Cesar, "o mundo mudou, e o PT não viu". A Teologia da Prosperidade, das igrejas evangélicas neopentecostais, aponta que qualquer melhora de vida é fruto do esforço individual, e não das políticas públicas do governo. Vai se ampliando uma desconexão.



Com emendas, obras vão para a conta do Congresso

Vitória, de fato, foi dos "Partidos de Negócios"

"Temos hoje o menor índice de desemprego desde que começou a ser medido, mas a maior parte da população desconhece essa informação", comenta o cientista político. "Não se conseguiu desenvolver uma comunicação social eficaz. As realizações do governo são, em grande parte, mal divulgadas". A isso se soma o grande

controle orçamentário que o Congresso passou a ter. Hoje, estima Tadeu, 45% do orçamento que não é de vinculação obrigatória está sob o controle do Contrão, que detém cerca de 70% do comando do Congresso. "Não foi exatamente uma vitória do centro", observa. "Foi uma vitória dos 'Partidos de Negócios'".

Resultado

O resultado é que o governo, por um lado, não consegue fazer chegar à população a importância das suas políticas sociais e, por outro, também não tem a assinatura das melhorias de infraestrutura, que ficam nas mãos do Contrão, com suas emendas, obras e recursos.

Orçamento

Antes, mal ou bem, os governos participavam desses acertos, porque tinham o controle da liberação. Se não estão conectados com quem hoje tem a chave do cofre, e se não se conectam também com os novos anseios da sociedade, acabam ficando em dificuldade.

Arranjo

Um arranjo que não é feito necessariamente com o eleitor, mas com prefeitos e demais políticos. Os recursos chegam às prefeituras, e ajudam a reeleger os prefeitos e vereadores. Que serão os cabos eleitorais dos próximos deputados, senadores, e mesmo do próximo presidente.

Discurso

Tadeu alerta para erros na estratégia do discurso identitário. "Quando focamos em pautas comportamentais e de identidade, que são importantes, mas não as mais importantes na visão da maioria das pessoas, corremos o risco de abrir espaço para o conservadorismo".

PT e Podemos fecham apoio a Hugo Motta

Posições consolidam a maioria ao deputado do Republicanos

Por Gabriela Gallo

Após o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), oficializar apoio a candidatura do líder do Republicanos na Casa, deputado Hugo Motta (PB), para a presidência da Câmara, o Podemos também declarou apoio a Motta, nesta quarta-feira (30). No final do dia, o PT também fechou o apoio ao deputado do Republicanos, de acordo com informação repassada pelo vice-presidente do partido, deputado Washington Quaquá (RJ) à coluna Magnavita, do Correio da Manhã. A posição do PT, porém, ainda não foi oficialmente declarada. A bancada do Podemos tem 14 deputados na Casa. As eleições no Congresso estão agendadas para fevereiro de 2025.

Oficializado, o apoio do PT poderá sacramentar a vitória de Motta. O partido vinha sendo considerado fiel da balança na disputa. Contra Motta, há uma tentativa de aliança entre os deputados Antonio Brito (PSD-BA) e Elmar Nascimento (União-BA), na qual um apoiaria o outro, o que estivesse mais forte, em fevereiro. Mas o apoio do PT a Motta enfraquece muito essa possibilidade.

No caso do Podemos, o apoio já é oficial. O anúncio foi feito pela presidente nacional do Podemos, deputada Renata Abreu (SP). "A Câmara precisa desse dinamismo [de Hugo Motta]. E acima de tudo, [estamos felizes] pela parceria que o Podemos sempre teve com o Republicanos: somos dois partidos que começamos juntos, e hoje crescemos juntos, de mãos dadas, e essa parceria precisa continuar", enfatizou a parlamentar.

O partido é a terceira sigla a declarar oficialmente apoio a Motta. A posição do PT, confirmada por Quaquá, já era esperada desde a manhã. Segundo as informações, o presi-



Motta consolida-se com os apoios conquistados

dente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) teria dado aval ao acerto com Motta, após uma reunião com o líder do PT na Câmara, Odair Cunha (MG), e a presidente nacional da sigla, deputada Gleisi Roffman (RS). As informações são do Valor Econômico.

Porém, mesmo quando o partido anunciar apoio ao candidato, a tendência é que o governo não faça esse anúncio oficialmente. A proposta é negar que o presidente Lula ou seus auxiliares tenham tomado partido no pleito.

PT

A posição do PT vinha sendo disputada especialmente depois dos acertos iniciais de Hugo Motta com o PL e os demais partidos da direita. Inicialmente, Hugo Motta surgira como uma possível solução de consenso. Arthur Lira originalmente apoiava Elmar Nascimento como seu sucessor, mas começou a perceber que havia resistências ao deputado do União Brasil. Naquele momento, estava na disputa também

o vice-presidente da Câmara, Marcus Pereira (Republicanos-SP). Que abriu mão da sua candidatura em favor de Motta. Motta, então, costurou o apoio de Lira. E obteve um aceno favorável de Odair Cunha. Ocorre, porém, que a ideia de consenso acabou não sendo construída. Elmar Nascimento não aceitou ser preterido. E também não aceitou o arranjo o PSD, que manteve a candidatura de Antonio Brito.

Na busca por apoios, o PL colocou na mesa da negociação o projeto que concede anistia aos presos e condenados pelo 8 de janeiro de 2023. Numa perspectiva de estender essa anistia também ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Essa negociação poderia retirar o apoio do PT. Foi quando, então, Lira resolveu tirar esse tema dos acertos, tirando o projeto da tramitação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), remetendo-a a uma comissão especial, reolocando-o na estaca zero, sem previsão de apreciação. Sem a anistia na mesa, o PT aceitou voltar a negociar com Motta.

Debate

Na terça-feira (29), após Lira declarar apoio ao candidato do Republicanos, Elmar Nascimento disse que continuará na disputa pela principal cadeira da Mesa Diretora da Câmara e desafiou Motta (e demais candidatos ao cargo) para um debate aberto na Casa. Para o candidato, tal como candidatos a presidência da República e prefeituras, no debate os candidatos anunciarão suas propostas ao escrutínio público, se opondo à abordagem de Lira de buscar definir uma sucessão por meio de sucessão.

"Estamos falando do segundo cargo mais importante da República. Não dá para ser com base na nota escrita, do previsível, de você não ter o antagonismo de alguém que vai debater com você o cargo. Todas as eleições aqui foram motivo de disputa. O Rodrigo Maia foi um grande presidente e disputou uma eleição suplementar, disputou uma segunda eleição, disputou uma terceira eleição".

Ex-presidente Bolsonaro sela apoio a Alcolumbre no Senado

Da Redação

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) se encontrou com o senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) nesta terça-feira (29), selou o apoio do PL à candidatura dele à presidência do Senado e abriu as negociações sobre o espaço do partido na Casa a partir do ano que vem.

A reunião ocorreu na casa do líder da oposição, Rogério Marinho (PL-RN), em Brasília, com um grupo pequeno de senadores, além de Alcolumbre: Carlos Portinho (PL-RJ), líder do PL no Senado, Wellington Fagundes (PL-MT) e Marcos Rogério (PL-RO).

Anistia

O PL, segundo relatos, elencou a Alcolumbre as prioridades da sigla: espaço na mesa diretora do Senado, controle de comissões de peso e relatoria de projetos importantes. O grupo também defendeu a votação da anistia aos envolvidos nos ataques golpistas de 8 de janeiro.

De acordo com um dos participantes, Alcolumbre não se comprometeu com a votação de nenhum projeto específico, mas garantiu que vai distribuir cargos e comissões

Valter Campanato/Agência Brasil



Bolsonaro negociou o apoio a Alcolumbre

de acordo com o tamanho de cada um dos partidos.

Até agora, o PL não está conseguindo associar o projeto de anistia ao sucessão no Congresso. O tema também vem sendo colocado na mesa de negociação na Câmara. Mas, para evitar a mistura dos assuntos, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), tirou o projeto da tramitação na Comissão de Constituição e Jus-

tiça e jogou-o para uma comissão especial, que vai começar a discussão do zero. Ou seja, o projeto ficou adiado sem qualquer previsão. Há uma informação de que, porém, Bolsonaro agora negociaria na comissão a inclusão de uma emenda ao projeto para beneficiá-lo diretamente. Na Câmara, porém, os candidatos não se comprometeram oficialmente com o tema.

Espaços

O PL tem hoje a segunda maior bancada do Senado, com 14 senadores, atrás apenas do PSD, com 15. Parlamentares afirmam que Alcolumbre ainda não bateu o martelo sobre como fará a distribuição de cargos, se for eleito (se o maior partido terá direito à primeira escolha, por exemplo).

Bolsonaro afirmou a Alcolumbre que o PL não pode ficar aliado no Senado por ser oposição ao governo Lula (PT) -como avalia ter ocorrido após a vitória do presidente atual, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), contra Marinho, no ano passado. Na eleição vencida por Pacheco, o PL, por ter Marinho como candidato, ficou totalmente fora da distribuição dos cargos.

Alcolumbre, de acordo com relatos, disse que o Senado precisa estar coeso para se fortalecer novamente. A declaração foi recebida pelo grupo não só como resposta ao Supremo Tribunal Federal (STF), mas também à Câmara dos Deputados, que tirou prerrogativas dos senadores sob a gestão de Arthur Lira (PP-AL).

Com informações de Thaísa Oliveira (Folhapress)